



**Fecomércio PE**

Sesc | Senac

Instituto Fecomércio

**Boletim Conjuntural**  
**Março | 2017**

### 1. CONJUNTURA NACIONAL

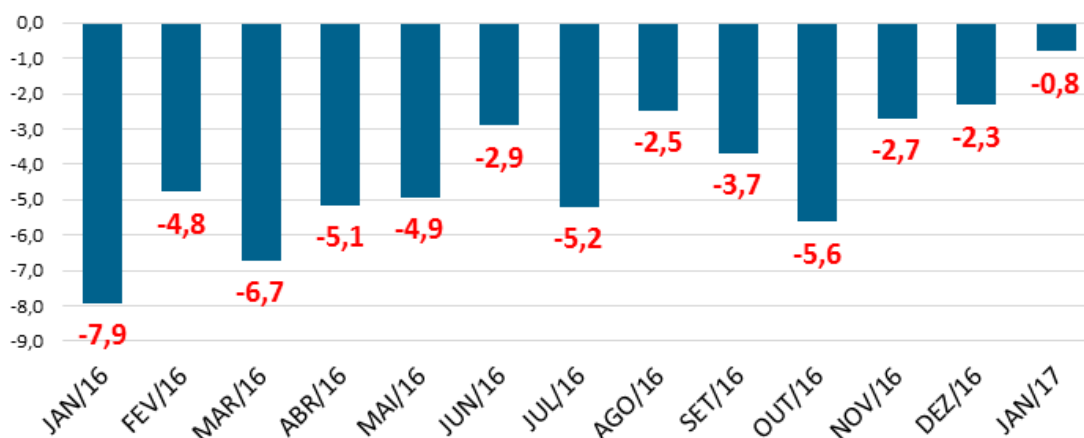
Em análise recorrente nos boletins mensais da Fecomércio-PE, tem sido ressaltada a gravidade da longa crise econômica que o Brasil atravessa, cuja intensidade é inédita na história do país. O processo de estagnação/recessão – referido em bases anuais – iniciou-se em 2014, ano em que Produto Interno Bruto praticamente fica inalterado (variação positiva de 0,5% em relação ao ano anterior). Em 2015, o PIB declinou de forma significativa (-3,8%) e retração quase idêntica (-3,6%) se repete em 2016. Assim, ao final do ano passado, o nível de produção de bens e serviços (PIB) acumula retração de 7,3% nos últimos dois anos. Tal resultado já havia sido antecipado por indicadores estimados por instâncias do próprio governo e do meio empresarial e traduziam expectativas de diversos agentes econômicos.

A crise é profunda e generalizada, afetando significativamente os três setores da economia: agropecuária (-6,6%), indústria (-3,9%) e serviços (-2,7%), na comparação de 2016 com 2015. Ademais, observa-se contração de -10,2% no volume de investimentos e de -4,2% no consumo das famílias – no mesmo período. Dessa forma, fica claro o enfraquecimento da demanda agregada, o que se revela tanto no declínio dos gastos em novos projetos (investimentos) quanto em decréscimo dos gastos das famílias com aquisição de bens e serviços.

O ano de 2016 se encerra com reforço do quadro recessivo experimentado no ano anterior: permanecem grandes dificuldades para os negócios em geral, com o agravante de que não se percebe com clareza um movimento na direção de uma recuperação sustentada do volume de vendas do comércio em curto prazo e, tampouco, no segmento de prestação de serviços.

Considerada a trajetória da economia em termos de evolução mensal, os resultados ganham cores ainda mais fortes, mas revelam – ao final do período de referência – pelo menos alguma indicação de redução do ritmo da tendência declinante. O Índice de Atividade Econômica (IBC-BR) – elaborado pelo Banco Central – registra, mês a mês, variação sempre negativa ao longo de 2016 (comparativamente a cada correspondente mês do ano anterior): -7,9% em janeiro; -4,8% em fevereiro; -6,7% em março; -5,1% em abril; -4,9% em maio; -2,9% em junho; -5,2% em julho; -2,5% em agosto; -3,7% em setembro; -5,6% em outubro; -2,7% em novembro; -2,3% em dezembro; e -0,8% em janeiro de 2017 – ver **Gráfico 1**. Revela-se uma trajetória sem uma tendência inequivocamente definida, mas as variações no último mês de 2016 e particularmente no primeiro mês deste ano são as menores de toda a série iniciada em janeiro do ano passado. No entanto, trata-se de persistentes variações negativas sobre uma base de comparação já bastante deteriorada.

Gráfico 1 - Brasil: variação mensal do Índice de Atividade Econômica (IBC-Br), em % - Janeiro/2016 a Janeiro/2017 (base: mesmo mês no ano anterior)



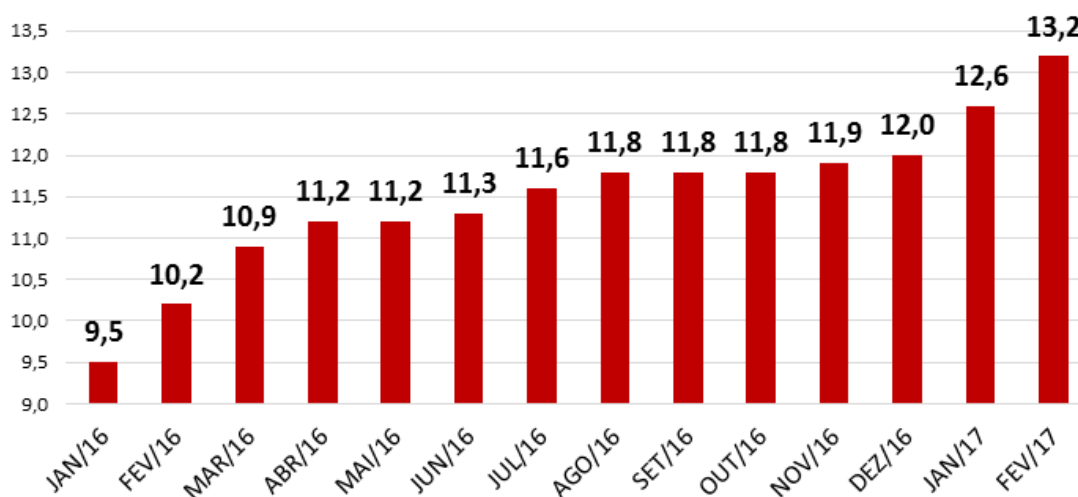
Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração Ceplan Multi.

A retomada ainda modesta da economia do país é algo esperado apenas para o segundo semestre de 2017. Até então será observada uma prolongada recessão de pelo menos 3 anos. A expectativa para o corrente ano é de um pequeno crescimento do PIB, algo em torno de meio por cento (0,47%, conforme previsto no último Boletim Focus). Portanto, neste ano o Brasil deve continuar a enfrentar um quadro econômico que, em geral, não aparenta ser favorável ao bom desempenho das atividades inerentes ao comércio e aos serviços.

Nesse ambiente de fragilidade econômica, o mercado de trabalho do país se deteriorou no decorrer do ano de 2016 e, conseqüentemente, registrou aumento significativo do desemprego.

Com efeito, a taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais (IBGE/Pnad Contínua) aumentou - mês a mês - de janeiro até dezembro de 2016, quando atingiu o patamar de 12,0%, conforme ilustrado no **Gráfico 2**. Essa situação se agravou ainda mais no início deste ano: no trimestre encerrado em janeiro de 2017 a taxa de desemprego atinge 12,6% e no trimestre móvel seguinte (dezembro-fevereiro) alcança 13,2% - maior taxa observada desde 2012, quando da publicação dos primeiros resultados da PNAD Contínua. A expressão concreta de tal índice se traduz no expressivo contingente de 13,5 milhões de desempregados. Nesse contexto, de declínio inédito da economia e de recorde histórico do desemprego, o agravamento do quadro social do país é inevitável.

Gráfico 2 - Brasil: taxa de desocupação das pessoas com 14 anos ou mais de idade (média móvel trimestral), em % - Janeiro/2016 a Fevereiro/2017

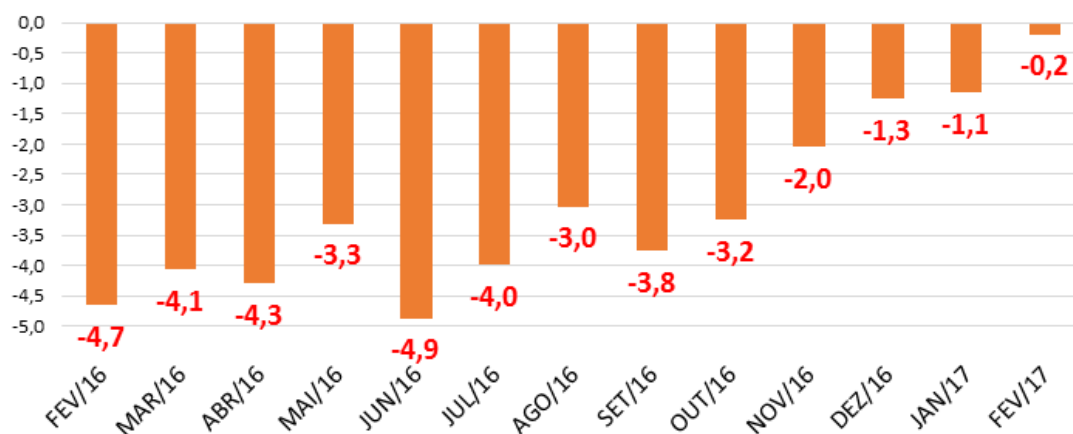


Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Consequência direta do agravamento da questão ocupacional é o encolhimento da massa salarial, mostrada no **Gráfico 3**. Dados do IBGE revelam que o valor da massa real de salários sofreu, no trimestre móvel encerrado em dezembro de 2016, redução de 1,3%, em contraposição ao valor registrado no correspondente período do ano anterior. Isso corresponde a

variações negativas em todos os meses de 2016. No início de 2017, as variações permanecem negativas, embora menos intensas: -1,1% em janeiro e -0,2% em fevereiro. Deve-se notar que a expressiva redução do ritmo de inflação (que tem lugar desde o segundo semestre de 2016) responde por parte da atenuação da queda de valor real da massa salarial.

**Gráfico 3 - Brasil: variação real da massa de rendimentos do trabalho (média móvel trimestral) das pessoas de 14 anos ou mais ocupadas, em % - Fevereiro/2016 e Fevereiro/2017 (base: mesmo período no ano anterior)**



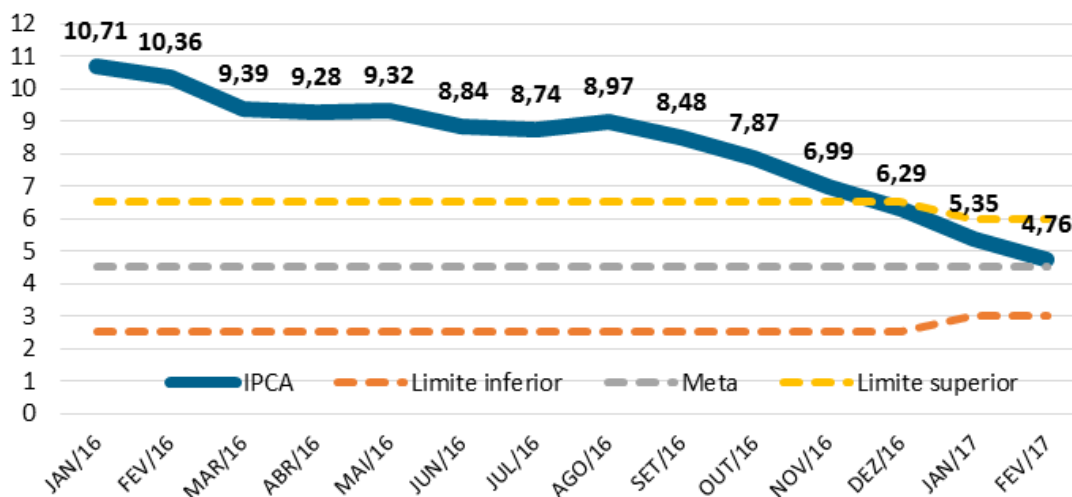
Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nota: Utiliza a média móvel trimestral da massa de rendimentos recebida em todos os trabalhos pelas pessoas de 14 anos ou mais ocupadas e com rendimento de trabalho. A média calculada considera o mês de referência, em cada divulgação, como limite superior. Os valores da série são corrigidos mensalmente utilizando-se o deflator (IPCA) do mês intermediário.

Um sinal de melhora, embora ainda tímida, nesse quadro econômico desfavorável, é a já mencionada trajetória de declínio inflacionário iniciada na segunda metade do ano passado (**ver Gráfico 4**), o que pode mais adiante contribuir para a retomada do consumo e do investimento: o declínio da inflação deixa margem para o Banco Central persistir na rota de redução da taxa básica de juros. Na realidade, conta-se com declínio inflacionário desde agosto de 2016. O índice oficial de inflação vem

sofrendo continuada redução, desde então, considerando-se – em cada mês – o acumulado dos últimos 12 meses: 8,97% em agosto; 8,48% em setembro; 7,87% em outubro; 6,99% em novembro; 6,29% em dezembro; 5,35% em janeiro deste ano; e 4,76% em fevereiro. Portanto, a trajetória do IPCA vem convergindo para o centro da meta de inflação (4,5%) estabelecida pelo Banco Central; e deve terminar o ano de 2017 abaixo desse patamar.

Gráfico 4 - Brasil: variação acumulada em 12 meses do IPCA, em % - Janeiro/2016 a Fevereiro/2017



Fonte: Sistema Nacional de Preços ao Consumidor/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

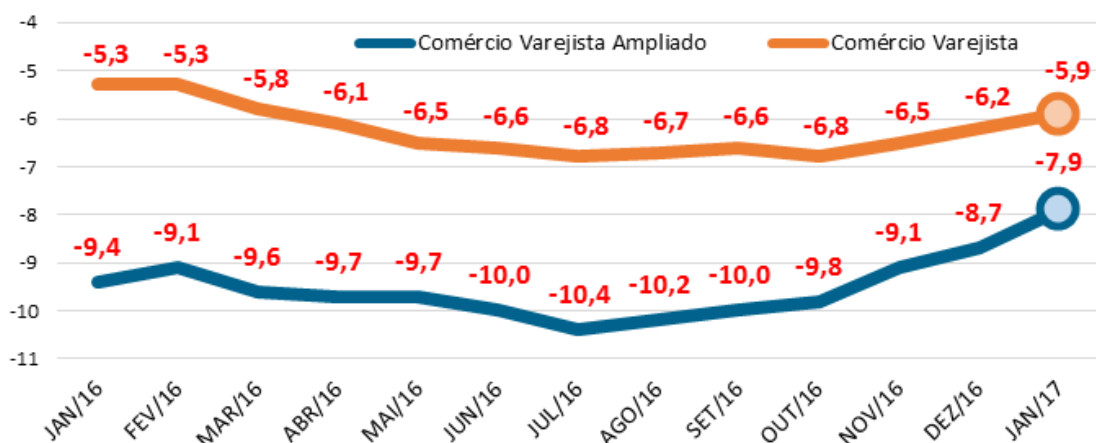
### Volume de vendas do comércio se mantém em declínio

O comércio varejista ampliado – agregado que resulta do acréscimo de ‘veículos, motocicletas, partes e peças’ e ‘materiais de construção’ ao conjunto de segmentos que compõem o varejo propriamente dito – apresentou, no Brasil, em 2016, um declínio forte do volume de vendas, considerado o resultado acumulado do ano. No **Gráfico 5**, em que se observa a trajetória do volume de vendas acumuladas em 12 meses, o varejo ampliado se mantém em variação negativa de dois dígitos de junho a setembro de 2016. A partir de outubro, no entanto, o desempenho negativo reduz-se gradativamente até alcançar -7,9% em janeiro de 2017. Portanto, nos últimos quatro meses, os resultados apontam para uma redução no ritmo de queda das vendas, embora ainda

com variações negativas bastante expressivas.

Registre-se que a retração do volume de vendas é algo que também ocorre no varejo restrito. Um declínio maior foi observado até os 12 meses encerrados em outubro de 2016, quando o varejo restrito acumulava queda de 6,8%, repetindo o resultado de julho daquele ano. A partir daí, o resultado acumulado das vendas começa a seguir uma trajetória de queda menos intensa, alcançando -5,9% em janeiro de 2017. Em síntese, verifica-se um declínio significativo do volume de vendas do varejo restrito, embora com quedas inferiores às observadas no varejo ampliado, aqui também se detectando redução do ritmo de retração – nesse caso, a partir de novembro do ano passado.

Gráfico 5 - Brasil: variação acumulada em 12 meses do volume de vendas do Varejo, em % - Janeiro/2016 a Janeiro/2017 (base: 12 meses imediatamente anteriores)



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nota: o Varejo Ampliado inclui veículos e materiais de construção, além dos demais segmentos do Varejo.

Essa atenuação na trajetória de queda do volume de vendas do comércio, tanto no ampliado quanto no restrito, que ocorre desde o final do ano passado – e com continuidade em janeiro de 2017 – seria um sinal de confirmação, ainda

discreta, de uma pequena recuperação da economia neste ano e alimenta expectativas de se obter resultados positivos para o comércio varejista no segundo semestre.

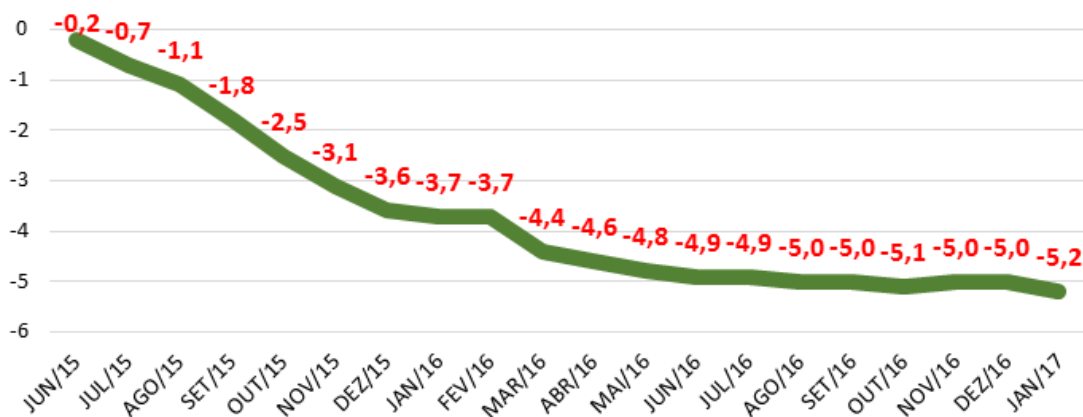
### Volume de serviços em contínua trajetória descendente

A acentuada trajetória declinante do setor de serviços desponta, nesse contexto, como algo natural, já que não poderia ser exceção – dada a expressiva redução da demanda agregada que marca a prolongada crise econômica do país. O volume de serviços registra variação negativa

progressiva desde junho de 2015, quando acumulava (em 12 meses) uma contração de -0,2%. O Gráfico 6 ilustra tal trajetória de declínio progressivo, culminando com expressiva variação negativa de -5,2% em janeiro de 2017. Portanto, são 20 meses seguidos de retração continuada do volume de serviços.



Gráfico 6 - Brasil: variação acumulada em 12 meses do volume de Serviços, em % - Junho/2015 a Janeiro/2017 (base: 12 meses imediatamente anteriores)



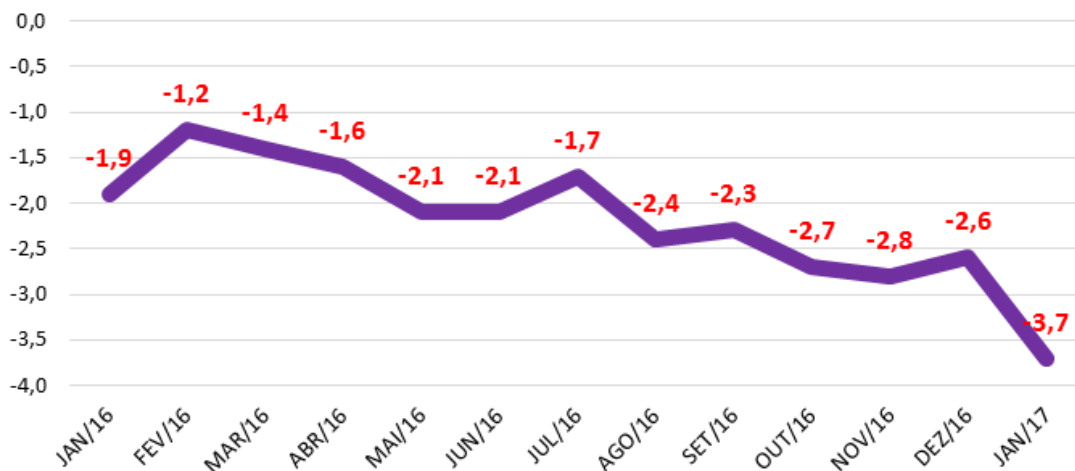
Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

### Atividades de turismo mantêm trajetória de retração

As atividades turísticas assumem particular relevância neste quadro de crise. Nesse caso, salienta-se que a partir de agosto de 2016 a queda do volume de serviços associado ao segmento

turístico se torna mais pronunciada, ultrapassando o patamar de 2% com o mês de janeiro de 2017 sendo o momento de maior retração (-3,7%) – ver **Gráfico 7**, que mostra a variação acumulada (em 12 meses) do volume de atividades turísticas, relativamente aos 12 meses imediatamente anteriores.

Gráfico 7 - Brasil: variação acumulada em 12 meses do volume de Atividades Turísticas, em % - Janeiro/2016 a Janeiro/2017 (base: 12 meses imediatamente anteriores)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

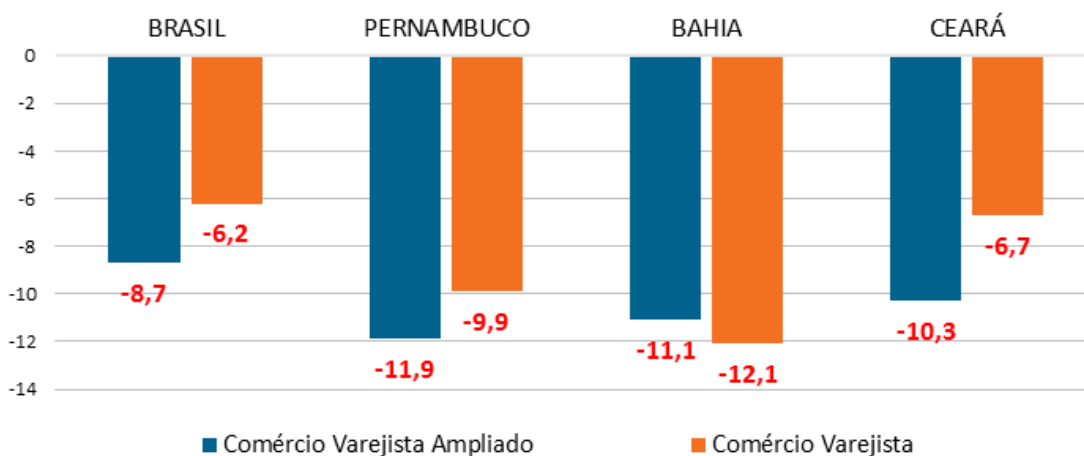


## 2. DESEMPENHO DO COMÉRCIO VAREJISTA E DOS SERVIÇOS EM JANEIRO DE 2017: PERNAMBUCO NO CONTEXTO NACIONAL/REGIONAL

Previamente ao exame das informações sobre o varejo no início do corrente ano, é útil que se examine que posição relativa Pernambuco ocupava em 2016, no contexto brasileiro e comparativamente aos outros dois estados com economia mais expressiva no âmbito regional. Do **Gráfico 8** se extrai que no ano passado as variações negativas do volume das vendas em Pernambuco, resultado acumulado do ano, são expressivas (-9,9% no varejo restrito e -11,9% no ampliado) e mais intensas do que as observadas

no país como um todo: -6,2% no varejo restrito e -8,7% no ampliado. Comparando o desempenho do varejo restrito de Pernambuco ao de seus pares regionais, observa-se que foi menos desfavorável do que o da Bahia e pior do que o desempenho observado no Ceará. No que diz respeito ao varejo ampliado, a situação se inverte entre Pernambuco e Bahia, mantendo-se o Ceará com melhor desempenho entre os três estados.

Gráfico 8 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação acumulada no ano do volume de vendas do Varejo, em % - Janeiro-Dezembro/2016 (base: Janeiro-Dezembro/2015)



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

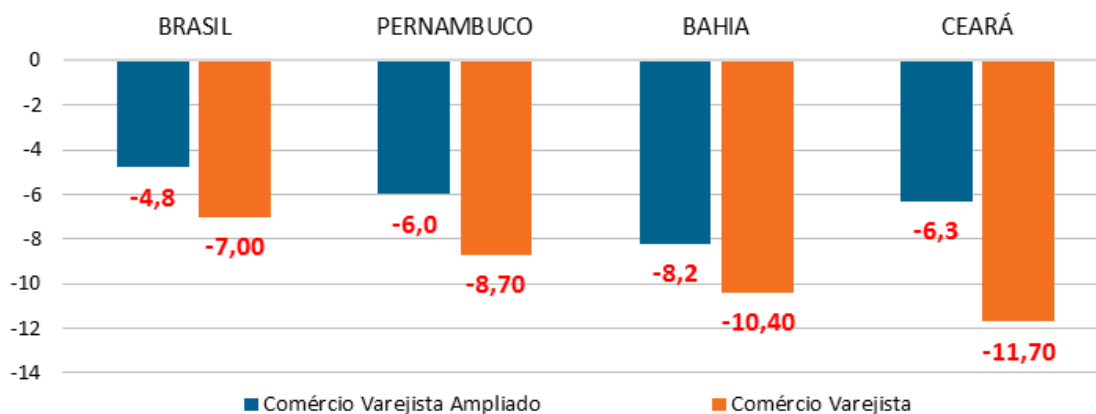
(\*) O Varejo Ampliado inclui veículos e materiais de construção, além dos demais segmentos do varejo.

O **Gráfico 9** traz informações referentes ao comércio varejista (ampliado e restrito), para janeiro de 2017, comparativamente a correspondente mês do ano anterior, mantidas as mesmas unidades territoriais consideradas no **Gráfico 8**.

A variação do volume de vendas em janeiro deste ano segue negativa em todos os territórios analisados. No que diz respeito ao varejo ampliado: -6,0% em Pernambuco; -8,2% na Bahia; -6,3% no Ceará; e -4,8% no Brasil. No varejo restrito: -8,7% em Pernambuco; -10,4% na Bahia; -11,7% no Ceará; e -7,0% no Brasil. No cotejo com o ano passado, observa-se que as variações

negativas continuam significativas – como de resto verifica-se na economia como um todo –, embora se perceba generalizada redução de intensidade do decréscimo do volume de vendas no varejo ampliado. Nesse aspecto, o desempenho de Pernambuco é o melhor: termina o ano de 2016 com a mais expressiva retração do volume de vendas no varejo ampliado (-11,9%), situação que se reverte em janeiro do corrente ano, quando esse estado sofre a menor queda (-6,0%), comparativamente aos dois outros estados nordestinos considerados na análise.

**Gráfico 9 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal do volume de vendas Varejo, em % - Janeiro/2017 (base: Janeiro/2016)**



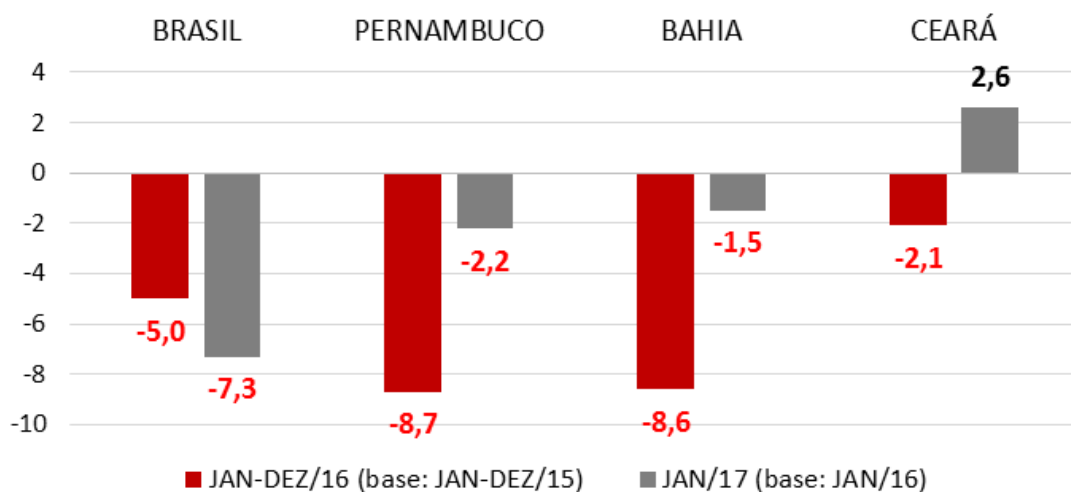
Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

A fragilidade econômica já caracterizada neste e em boletins anteriores – associada a desemprego elevado, queda do poder de compra dos consumidores, redução da massa salarial, forte endividamento das famílias e níveis elevados de inadimplência – é razão fundamental para o declínio observado no comércio de Pernambuco, em outros grandes estados do Nordeste, e no país como um todo.

As informações sistematizadas no **Gráfico 10**, agora sendo contemplado o setor de serviços, obviamente replica – com especificidades próprias desse segmento – o padrão de crise que afeta o varejo e a economia como um todo. Observe-se

que o volume de serviços em Pernambuco cai, tanto no confronto de janeiro de 2017 com janeiro de 2016, quanto no resultado acumulado de 2016: -2,2% no mês de janeiro de 2017; e -8,7% no resultado acumulado do ano passado. Na Bahia, as quedas, respectivamente, são: -1,5% e -8,6%; no Ceará: +2,6% e -2,1%; e, no Brasil: -7,3% e -5,0%. Isto é, com exceção do resultado do Ceará em janeiro de 2017, em todas as demais comparações realizadas são registradas reduções do volume de prestação de serviços, sendo mais fortes as variações negativas observadas em Pernambuco comparativamente aos outros estados do Nordeste incluídos no estudo.

**Gráfico 10 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal do volume de Serviços, em % - Janeiro-Dezembro/2016 e Janeiro/2017 (base: mesmo período no ano anterior)**

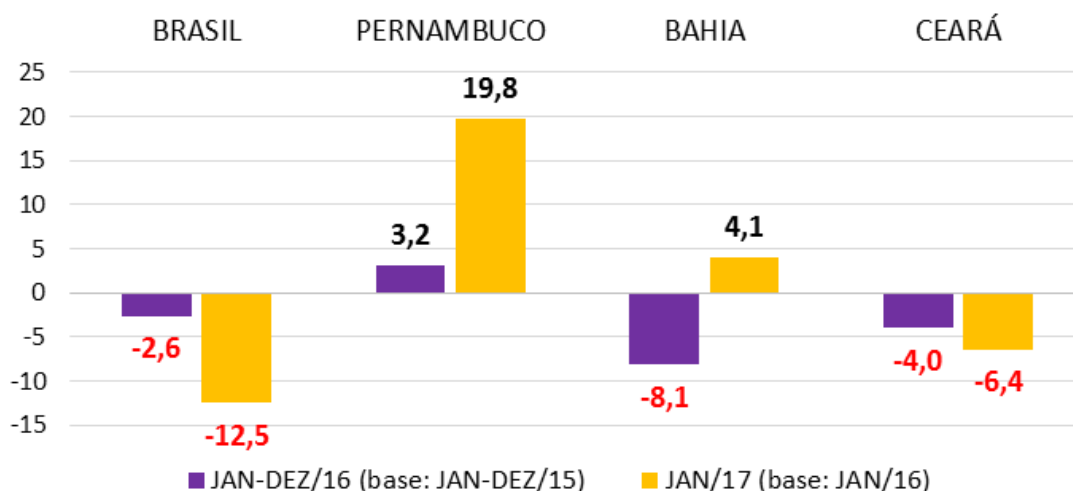


Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Como procedido na seção anterior, é novamente destacado o segmento de turismo, agora contemplando-se os três principais estados nordestinos no contexto do Brasil, conforme ilustrado no **Gráfico 11**, que contém tanto o

indicador mensal do volume das atividades turísticas (janeiro de 2017 comparado a janeiro de 2016), quanto o concernente ao acumulado do ano de 2016.

Gráfico 11 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal do volume de Atividades Turísticas, em % - Janeiro-Dezembro/2016 e Janeiro/2017 (base: mesmo período no ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

O desempenho observado em Pernambuco continua sendo o melhor entre os territórios analisados, tanto no resultado mensal (+19,8%), quanto no acumulado do ano (+3,2%). Nos demais territórios, os resultados acumulados são todos negativos: -2,6% no país; -8,1% na Bahia; e -4,0% no Ceará. No resultado mensal, a Bahia também tem desempenho positivo, embora bem abaixo do bom desempenho de Pernambuco. Para a posição favorável protagonizada pelo turismo de Pernambuco concorre o poder de atração dos seus destinos praieiros e marítimos, sobretudo no litoral Sul e no arquipélago

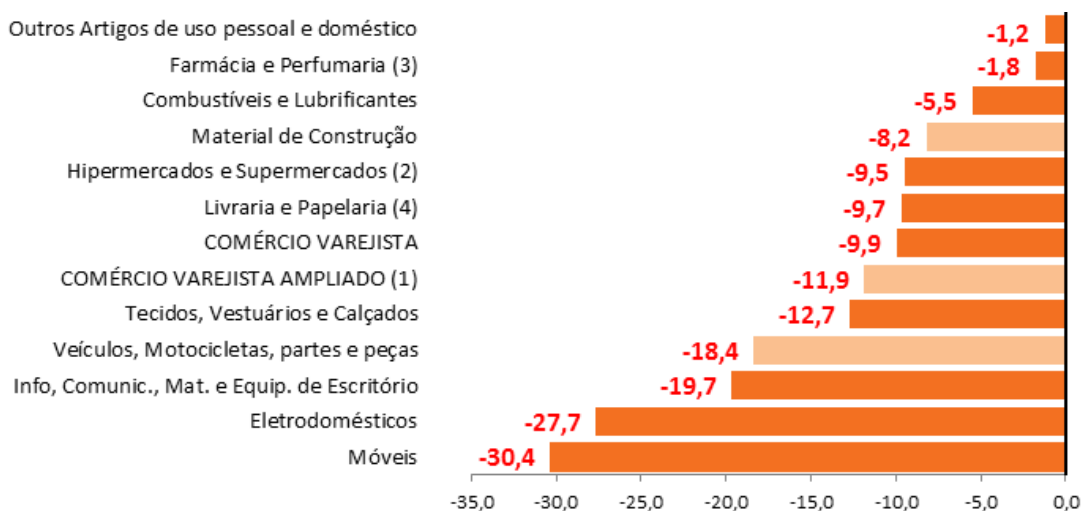
de Fernando de Noronha, cujos encantos naturais são destacados em portfólios de serviços de agências de viagens, hotéis e receptivos que fazem parte da infraestrutura estabelecida principalmente na capital do estado, conforme aponta o índice de Competitividade do Turismo Nacional (Ministério do Turismo). Nesse sentido, vale salientar também um recente acréscimo no número de voos e destinos no aeroporto localizado em Recife, favorecendo o estado como centro de conexões para outros destinos, e o aumento da circulação de passageiros.

### 3. SEGMENTOS DO COMÉRCIO E DE ATIVIDADES DOS SERVIÇOS EM PERNAMBUCO

Nesta seção, mantendo-se procedimento adotado em todas edições do Boletim Fecomércio, é incorporado o detalhamento da composição do comércio e dos serviços por grupos de atividade. Por essa razão, é conveniente que mais uma vez seja feita referência ao caráter dual da abordagem do varejo. Primeiro, composição – conforme as atividades específicas – do **comércio varejista na acepção tradicional** e mais conhecida: combustíveis e lubrificantes; hipermercados e supermercados; tecidos, vestuários e calçados; móveis; eletrodomésticos; artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos; livros, jornais, revistas e papelerias; equipamentos e materiais para escritório,

informática e comunicação; outros artigos de uso pessoal e doméstico. Acrescentando-se a tal conjunto as atividades concernentes a veículos, motocicletas, partes e peças, além de material de construção, é revelado o agregado **comércio varejista ampliado**. São assim sistematizadas no **Gráfico 12** informações sobre o acumulado do volume de vendas, no ano de 2016, referentes a cada um dos grupos de atividades dos segmentos do varejo e do varejo ampliado, comparativamente ao mesmo período de 2015. Por sua vez, no **Gráfico 13**, com dados semelhantes, são apresentados indicadores de desempenho dos mesmos segmentos em janeiro de 2017, tendo-se como referência o mês de janeiro de 2016.

Gráfico 12 - Pernambuco: variação acumulada no ano do volume de vendas por Segmento do Varejo, em % - Janeiro-Dezembro/2016 (base: Janeiro-Dezembro/2015)

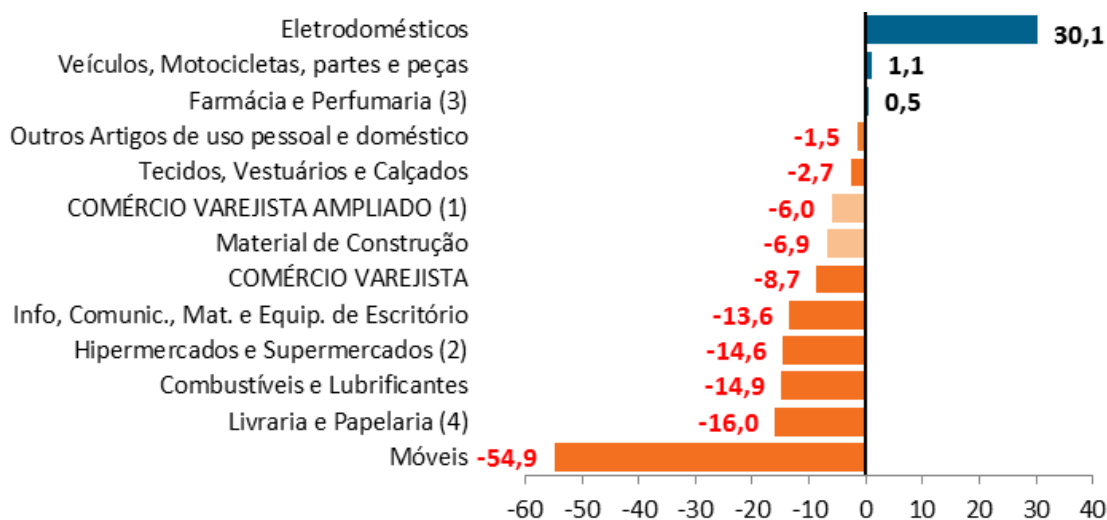


Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi. (1) Inclui veículos e materiais de construção, além dos demais segmentos do varejo; (2) Inclui produtos alimentícios, bebidas e fumo; (3) artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumarias e cosméticos; (4) Corresponde a livros, jornais, revistas e papelaria.

Inicialmente, observe-se que todos os segmentos do comércio varejista apresentam variações negativas no resultado acumulado do ano de 2016; 'outros artigos de uso pessoal' e 'farmácias e perfumarias' registram as menores quedas (-1,2% e -1,8%, respectivamente) e 'móveis' e 'eletrodomésticos' as maiores quedas (-30,4% e 27,7%, respectivamente). Para o primeiro caso (resultado menos desfavorável) identifica-se, como registrado em boletins anteriores, um importante fator explicativo:

a essencialidade que sustenta a demanda por vários itens desses grupos, especialmente os concernentes à beleza e bem-estar e a medicamentos. Por outro lado, ocorre maior retração nos segmentos de móveis e eletrodomésticos – e também em outros segmentos do varejo em que preponderam bens que têm elevada elasticidade-renda da demanda –, o que expressa o fato de que as vendas têm sido restringidas por retração da renda familiar, mesmo entre famílias com maior poder aquisitivo.

**Gráfico 13 - Pernambuco: variação mensal do volume de vendas, segundo os Segmentos do Varejo, em % - Janeiro/2017 (base: Janeiro/2016)**



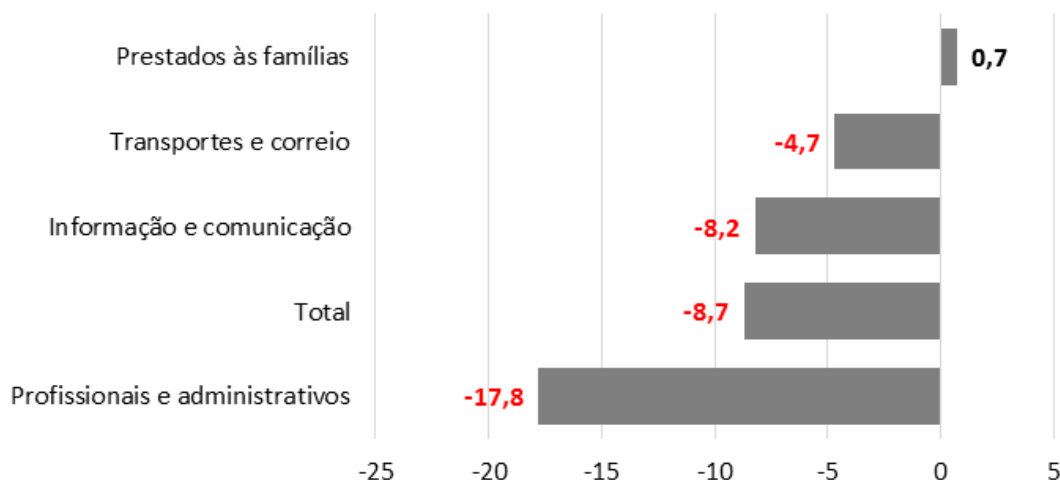
Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Com respeito à comparação mensal (**Gráfico 13**), a grande maioria dos segmentos do varejo continua com variações negativas, porém menos intensas do que as observadas no resultado acumulado do ano passado. Conforme referido, esse é um comportamento predominante: variações negativas de menor intensidade. Entretanto, algumas ressalvas devem ser consideradas. O segmento de móveis – que já liderava a queda no ano passado (-30,4%) – cai ainda mais intensamente (-54,9%). Por outro lado, os segmentos de eletrodomésticos (30,1%) e o de veículos (1,1%), com quedas bastante pronunciadas no ano passado, iniciam 2017 com

desempenho positivo.

Em relação ao segmento de prestação de serviços – ver **Gráfico 14** – a retração (acumulada no ano) das atividades que compõem esse setor é quase generalizada. Exceto 'serviços prestados às famílias' (com uma pequena variação positiva de 0,7%), os demais segmentos têm desempenho negativo: 'transportes e correio' (-4,7%); 'informação e comunicação' (-8,2%); 'serviços profissionais e administrativos' (-17,8%). Estes últimos, vinculados a atividades produtivas de outros setores, continuam apresentando acentuado declínio.

Gráfico 14 - Pernambuco: variação acumulada no ano do volume de Serviços, segundo as Atividade, em % - Janeiro-Dezembro/2016 (base: mesmo período do ano anterior)



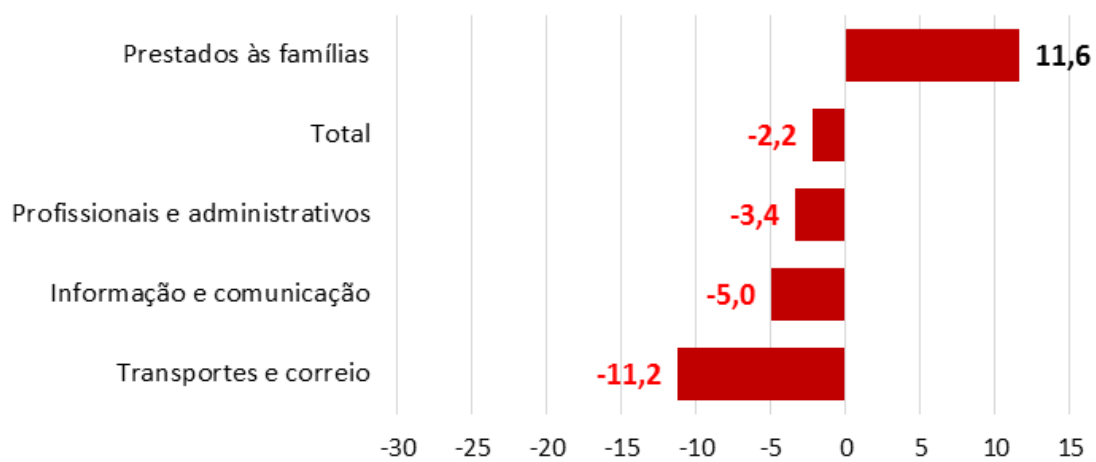
Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

No que diz respeito ao comportamento observado no mês de janeiro de 2017, tendo-se por base o mês de janeiro de 2016, as atividades do segmento de prestação de serviços – ver **Gráfico 15** – seguem o movimento de uma melhora, conforme já mencionado neste Boletim. Entretanto, saliente-se que todos os segmentos que terminaram o ano de 2016 com desempenho negativo continuam apresentando desempenho negativo na comparação mensal, todavia, são variações negativas de menor amplitude. No que se refere ao único segmento de prestação de serviços que termina o ano de 2016 com desempenho positivo (serviços prestados às famílias),

o desempenho se mantém positivo, em janeiro de 2017, mas em patamar bastante superior (0,7% no acumulado do ano passado e 11,6% em janeiro deste ano na comparação mensal). Entretanto, destaque-se que, no geral, no início deste ano a retração – em que pese ser menos intensa – ainda é significativa e quase generalizada: Serviços prestados às famílias (11,6%); Transportes e Correio (-11,2%); Informação e Comunicação (-5,0%); Serviços Profissionais e Administrativos (-3,4%). Estes últimos, vinculados às atividades produtivas de outros setores, continuam apresentando declínio acentuado.



Gráfico 15 - Pernambuco: variação mensal do volume de Serviços, segundo as Atividades, em % - Janeiro/2017 (base: Janeiro/2016)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

## 4. SÍNTESE E PERSPECTIVAS

O país se aproxima do momento em que deve completar um período de 36 meses de contínua recessão. É o que se materializará se a economia só iniciar efetiva recuperação no segundo semestre deste ano. Terá sido, de fato, a mais extensa e severa recessão da economia brasileira já registrada na história. Esta recessão é diferente de todas as anteriores, inclusive do Brasil pré-industrial (início dos anos 1930), pela escala, profundidade e complexidade da estrutura econômica envolvida.

Os números que vêm sendo analisados neste e em boletins anteriores têm sido eloquentes em revelar o real quadro de retração que se verifica em todos os setores, principalmente no comércio e serviços, que sofrem diretamente os fortes impactos da redução da massa salarial.

Sinais de alento observados desde o final do ano passado se circunscrevem, primeiro, ao resultado representado pela redução significativa da inflação dos quase 11,0% de 2015 para o já provável patamar abaixo de 4,0% no corrente ano. Segundo, aos ainda tímidos sinais de recuperação que podem se tornar nítidos na segunda metade do ano. Terceiro, perspectivas de reformas institucionais no flanco econômico, mesmo que de caráter e ritmo claudicantes, mas que contribuem, ou podem contribuir, para consolidar expectativas menos pessimistas que se formaram depois da inauguração do governo pós-impeachment.

As incertezas continuam no plano político desafiando a arte e sorte de atores públicos para encontrar saídas que preservem a democracia e atendam a anseios da sociedade no sentido de avanços na eliminação de práticas que tornam o ambiente econômico e político brasileiro uma manifestação constrangedora e caricatural do que deveria ser uma sociedade aberta e competitiva, a antítese do “capitalismo de amigos”, tema que, no plano internacional, já conta com considerável literatura: o chamado

crony capitalism, em que Rússia e China ocupam lugar de destaque.

Em termos de número para o PIB, vislumbra-se uma perspectiva de modesta melhoria do desempenho econômico em 2017 – crescimento de cerca de meio ponto percentual. Isso significa que o decorrente custo social da crise (particularmente o desemprego) ainda seguirá seu curso, comprometendo a qualidade de vida de um amplo contingente de famílias cujos membros têm encontrado crescente dificuldade de encontrar trabalho.

O afastamento do perigo de descontrole inflacionário deverá contribuir para melhorar o ambiente de negócios, abrindo espaço para uma política mais ousada de redução da taxa básica, nominal e real de juros.

Essa redução dos juros poderá estimular a retomada dos investimentos e do consumo das famílias, diminuindo, ademais, os encargos financeiros da dívida pública. Eventualmente, ao se consolidarem as expectativas de recuperação, o mercado de trabalho poderá reagir, reduzindo-se, assim, o desemprego, a maior expressão do custo social dessa profunda e extensa recessão.

Contribuirá para consolidar expectativas positivas que precedem decisões de investir e consumir a criação de um novo ambiente fiscal e institucional que adviria com a aprovação das reformas pelo Congresso Nacional.

Todavia, não se deve subestimar o peso das incertezas e riscos como o agravamento da crise fiscal da União, dos estados e dos municípios e da crise política se não forem negociadas e aprovadas as reformas que o Governo Federal está submetendo à apreciação do Congresso Nacional.

Por outro lado, enquanto não for significativamente reduzido o elevado nível de desemprego,

recuperada a massa salarial, atenuado o endividamento das famílias e o elevado nível de inadimplência, permanecerá lenta a recuperação do volume de vendas do varejo e dos serviços em Pernambuco, em outros estados do Nordeste e no Brasil como um todo.

Em síntese, permanência de fatores políticos e econômicos que afetam diretamente, de forma negativa, o desempenho de segmentos como comércio varejista e prestação de serviços é ainda parte do panorama. A diferença é que, como já registrado neste Boletim, 2017 traz algumas indicações de que o final da recessão está próximo, com alguma recuperação podendo ocorrer ao longo do segundo semestre, se a situação política o permitir. Se, nesse ambiente, o país lograr avançar em mudanças institucionais e reformas, que mantenham a inflação sob controle e reduzam o déficit público, pode-se transitar para um ambiente econômico mais

favorável e com expectativas mais positivas.

Com a melhoria do ambiente macroeconômico e de negócios, o país poderá atrair capitais para projetos de infraestrutura, uma alternativa que – uma vez viabilizada – teria impacto imediato na redução do desemprego e, viabilizados novos investimentos, a travessia de 2017 pode levar o país à porta de saída da crise em que se encontra. Nesse contexto, poder-se-ia então vislumbrar – para 2018 – um crescimento que, retomado a partir do segundo semestre de 2017, propiciasse uma recuperação que pudesse se intensificar nos anos seguintes. A caminhada será longa e árdua, mas se o país reencontrar o caminho das reformas, da estabilidade fiscal e de preços e dos ganhos de produtividade, iniciará um novo ciclo de prosperidade econômica e social.

## REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Índice de Atividade Econômica – Brasil (IBC-Br)**. Janeiro/2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Contas Nacionais Trimestrais**. 4º Trimestre 2016.

**Pesquisa Mensal do Comércio**. Janeiro/2017.

**Pesquisa Mensal dos Serviços**. Janeiro/2017.

**Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Fevereiro/2017.

**Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor**. Fevereiro/2017.

### EXPEDIENTE - FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Josias Silva de Albuquerque  
Diretora-executiva do Instituto Fecomércio: Brena Castelo Branco  
Economista: Rafael Ramos  
Designer: Nilo Monteiro  
Revisão de Texto: Iaranda Barbosa  
Revisões Textuais

### EXPEDIENTE - CEPLAN-PE

Jorge Jatobá  
Tania Bacelar  
Osmil Galindo  
Roberto Alves  
Ademilson Saraiva

Sede provisória Rua do Sossego, 264, Boa Vista,  
Recife, Pernambuco, CEP 50.050-080  
Tel.: (81) 3231-5393 (PABX)  
Fax.: (81) 3222-9498 / 3231-2312

Anexo: Av. Visconde de Suassuna, 114, Boa Vista  
Recife, Pernambuco, CEP 50.050-540  
Fax: (81) 3423-3024

